

## AVANÇO E RETROCESSO: CONFIGURAÇÕES DA MODERNIZAÇÃO BRASILEIRA EM *LEITE DERRAMADO* DE CHICO BUARQUE

Flávia HELENA

Faculdades FAAT

flaviahelena@usp.com.br

**Resumo:** O objetivo deste texto é tecer uma análise crítica acerca de *Leite derramado*, mais recente trabalho literário de Chico Buarque. Sob um enfoque materialista, pretende-se observar de que modo essa obra configura questões cruciais do contexto sócio-histórico brasileiro contemporâneo, ressaltando assim as possíveis mediações entre ideologia, formação sócio-histórica e objeto artístico.

**Palavras-chave:** Ideologia, Chico Buarque, literatura e sociedade, crítica materialista

### I. Introdução

Esta pesquisa tem por fim tecer uma análise crítica sobre *Leite derramado*, de autoria de Chico Buarque, observando o modo como a obra configura o processo de modernização brasileira. Para facilitar essa investigação, será estabelecido um paralelo entre esse romance e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Em primeiro lugar, será observado de que modo os dois romances se aproximam, já que em ambos delineiam-se traços de uma sociedade patriarcal, em que origem, cor e classe determinam os direitos e julgamentos relativos a cada indivíduo. Posteriormente, pretende-se analisar em que aspectos as duas obras se distanciam, uma vez que, notado o lapso temporal que as separa, verificam-se uma série de diferenças relacionadas aos aspectos sócio-históricos que se configuram em cada uma delas. Serão também abordadas as distinções relativas às posições ocupadas pelos personagens principais nos escalões sociais desenhados nos respectivos romances, uma vez que, enquanto Bentinho, protagonista de *Dom Casmurro*, é membro de uma família abastada e homem de muitas posses, Eulálio Assumpção, embora faça parte de uma tradicional família brasileira, encontra-se em uma situação de profunda decadência econômica e social. Contudo, nota-se que este último, embora não mais goze de uma situação econômica privilegiada, nem faça parte daquilo que se chama elite econômica, preserva uma visão retrógrada e preconceituosa que classifica os indivíduos de acordo com sua cor, família de que façam parte e dos bens que possam ter. Deve-se atentar também para o fato de que *Leite derramado*, publicado no ano de 2009, reitera a permanência de certos vícios de classe perniciosos no Brasil em pleno século XXI. Nesse sentido, configura-se no romance, e na atualidade que simbolicamente representa, um processo de modernização contraditório, muitas vezes de fachada, à medida que ocorre à custa da manutenção de procedimentos retrógrados. Diante disso, o objetivo final do presente trabalho é investigar de que modo o processo de modernização que se apresenta na obra é

revelador dessas contradições, bem como observar quais são as condições que permitem a permanência desta ideologia elitista e preconceituosa.

## II. Modernização de fachada

Em análise escrita na primeira hora sobre *Leite derramado*, Roberto Schwarz afirma que “os amigos de Machado Assis notarão o paralelo com *Dom Casmurro*” (2009, p. 6), chamando a atenção do leitor para a semelhança havida entre os dois romances. Essa constatação do crítico, que se baseia nas afinidades entre as histórias de Eulálio Assumpção – protagonista de *Leite derramado* – e de Bentinho – protagonista de *Dom Casmurro* – justifica-se pelo fato de as duas tramas tratarem de matrimônios marcados pelo ciúme obsessivo e pela desconfiança, associados à desigualdade de classe e origem, que nos dois casos, dita os rumos da relação entre o casal. No que diz respeito a essas uniões, nota-se que, de modo análogo, nos dois romances e, em cada um a seu modo, os casamentos se desfazem e, em *Leite derramado* “como em *Dom Casmurro*, não há resposta segura para o traiu-não-traiu, e o livro é constituído de maneira a alimentar o ânimo fofoqueiro dos leitores.” (SCHWARZ, 2009, p. 6)

Porém, esse não é o único e mais relevante fator responsável pela aproximação. Nos dois casos, apesar do grande lapso temporal que separa as duas obras, notam-se os contornos, de uma sociedade patriarcal na qual origem familiar, classe, cor e, principalmente, riqueza ditam as regras. Assim, como em ambos os relatos “[...] temos uma situação literária machadiana, em que a crítica social não se faz diretamente, mas pela autoexposição ‘involuntária’ de um figurão’, parece inevitável associar a desconfiança nutrida por Eulálio em relação a Matilde à pele “quase castanha” (BUARQUE, 2009, p. 29) da mulher e ao fato de ser ela “filha adotiva duma escapadela baiana do pai.” (SCHWARZ, 2009, p. 6)

De modo análogo, a desconfiança de Bentinho em relação a Capitu parece ser alimentada justamente pelo fato da vizinha de origem modesta, cuja família contava com poucas posses, por muitas vezes, manifestar opiniões e desejos que afrontavam as convicções de seu marido rico ou a família dele, ou seja, “com muxoxo oligárquico, as ‘idéias atrevidas’ designam eventuais resultados da independência de espírito da personagem, projetos individuais que escapam ao limite da conformidade respeitosa.” (SCHWARZ, 1997)

*Leite derramado* apresenta o relato, tecido em primeira pessoa, por um homem muito velho e à beira da morte que se encontra em um hospital cujas condições físicas e de higiene são as piores. Por apresentar delírios e confusões de memória é possível atribuir ao narrador um caráter de não confiabilidade, ou seja, Eulálio Assumpção pode ser classificado como “unreliable narrator” (BOOTH, 1983, p. 159) na acepção de Wayne Booth, uma vez que ele não é necessariamente mentiroso, mas pode-se afirmar que, tanto pelo modo como constrói o seu relato, quanto pelas atitudes que apresenta ao longo da narrativa, ele não se constitui uma fonte absolutamente segura, mas, ao contrário, as informações dele provindas tornam-se duvidosas.

Assim, o foco narrativo torna-se um eficiente expediente formal capaz de possibilitar no romance a apresentação de uma série de questões de caráter ideológico. Como bem observou Leyla Perrone-Moisés:

A fala desarticulada do ancião, ao mesmo tempo que preenche uma função de verossimilhança, cria dúvidas e suspenses que prendem o leitor. O discurso da personagem parece espontâneo, mas o escritor domina com mão firme as associações livres, as falsidades e os não-ditos, de modo que o leitor vai reconstruindo os acontecimentos e pode ler nas entrelinhas, partilhando a

ironia do autor, verdades que a personagem não consegue enfrentar. Em suas leves variantes, as lembranças obsessivas revelam sutilezas ideológicas e psíquicas. (MOYSÉS, 2009)

As sutilezas ideológicas revelam-se, por exemplo, em certo momento que o narrador confunde-se em relação à sua idade e julga ainda ser criança: “Virei o prato no chão e voltarei a fazê-lo sempre que o bife vier com nervo. Sem falar que a comida cheirava a alho, deixem minha mãe saber. Deixem minha mãe me cheirar, tão logo volte da missa, e ela vai descobrir que me serviram a comida dos empregados.”. Mostram-se também pelo modo como o narrador se dirige à enfermeira à qual ele propõe casamento: “Vou-lhe ensinar a falar direito, a usar os talheres e copos de vinho [...]” ou “Quando sair daqui, vou levá-la comigo a toda parte, não terei vergonha de você. Não vou criticar seus vestidos, seus modos, seu linguajar, nem mesmo seus assobios.” As falas que fazem referência à Matilde também denotam a visão preconceituosa de que o narrador se encontra impregnado: “Matilde tinha a pele quase castanha, mas nunca foi mulata. Teria quando muito uma ascendência mourisca, por via de seus ancestrais ibéricos, talvez algum longínquo sangue indígena.”

A evidência de que a visão preconceituosa de Eulálio reflete um pensamento socialmente entranhado se reforça quando ele faz referência às falas de alguns personagens em relação a Matilde: “Minha mãe era de outro século, em certa ocasião chegou a me perguntar se Matilde não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha de sete irmãs, filhas de um deputado correligionário do meu pai.” O pai da moça também se manifesta nesse sentido: “Ah, sim, Matilde, uma escurinha que criamos como se fosse da família [...]”

Além dessas passagens que evidenciam um universo e em que o preconceito de classe e de cor é uma constante, aparecem outras que revelam o quanto essa sociedade é guiada também pela desigualdade que se estabelece a partir da posição socioeconômica que um indivíduo nela ocupa. Assim, o narrador não se cansa de repetir as vantagens que seu sobrenome já lhe trouxe. Um exemplo disso se mostra quando ele se refere ao neto Eulalinho: “Ensinei-o a ler, arranjei-lhe uma bolsa de estudos no meu antigo colégio de padres onde meu nome ainda abria portas.” O mesmo se dá quando ele faz referência ao bisneto: “Esse Eulalinho criei como se fosse um filho, ensinei-o a ler, matriculei-o no colégio de padres onde meu nome abria portas[...].” Em seu delírio, julga que seu sobrenome ainda podem lhe proporcionar esses mesmos privilégios, como se nota no momento em que ele se dirige à enfermeira por estar descontente com o tratamento que lhe é despendido no hospital onde se encontra: “Em instituições tradicionais meu nome abre portas, ao contrário do que ocorre nesta espelunca, onde nos extorquem dinheiro sem investigar sua origem.”

O próprio sobrenome do protagonista, aliás, é também um indicativo de diferenciação de classes, já que a palavra *assunção* significa também ascensão a posição hierárquica ou honorífica superior. Se considerada a afirmação de Philippe Hamon de que a relação entre o nome de uma personagem e as informações nele contidas frequentemente é motivada (HAMON, 1976, p. 97), tem-se que o sobrenome de Eulálio sugere o indivíduo que ocupa uma posição superior aos demais.

Considerando o fato de aqui se busca entender questões levantadas no romance de Chico Buarque a partir de um paralelo com uma obra de Machado de Assis, é válida para *Leite derramado* a observação que Roberto Schwarz faz em relação a *Memórias póstumas de Brás Cubas* de que nesse romance “ocorre que a ‘condição humana’ funciona diferenciadamente segundo as relações sociais em que se inscreva.” (SCHWARZ, 2000, p. 68)

A aproximação com Machado de Assis, principalmente com *Dom Casmurro*, é pertinente não somente pelo que já foi exposto anteriormente, mas também porque se nota no romance de Chico Buarque aquilo que novamente Roberto Schwarz observa em relação a Machado: “A ousadia de sua forma literária, onde lucidez social, insolência e despistamento vão de par, define-se nos termos drásticos da dominação de classe no Brasil [...]” (SCHWARZ, 2000, p. 12)

No entanto, apesar das evidentes semelhanças que aproxima os dois relatos, há também uma grande diferença entre eles. Ao contrário de Bentinho que “[...] pertence a uma família de classe dominante, cujo chefe havia sido fazendeiro e deputado, e deixava bastante propriedade” (SCHWARZ, 1997), Eulálio, embora fosse filho de um senador da Primeira República e parte de uma família que já havia gozado de influência e poder, era, ao tecer seu relato, um homem pobre e decadente. Como sugere o próprio título do romance, *Leite derramado*, o poder e a fortuna da família haviam se desfeito e faziam parte do passado.

Contudo, é interessante observar que o narrador de *Leite derramado* ainda que constantemente apresente uma evidente ausência de lucidez, mostra-se por alguns momentos consciente de sua condição, ainda que demonstre isso de forma preconceituosa: “Hoje sou escória igual a vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favor numa casa de um cômodo só nos cafundós. Mal posso pagar meus cigarros, nem tenho trajes apropriados para sair de casa.” Entretanto, embora haja essa consciência – ainda que pequena – o narrador parece se guiar e se comportar de modo as condições de privilégio que o cercavam ainda existissem.

O que se pretende demonstrar é que, embora injustificável, a visão preconceituosa e elitista que se delineia em *Dom Casmurro* é pautada pelo poder econômico que a família detém. No caso de *Leite derramado*, esse poder econômico, embora já tenha existido, se esvaiu. No entanto, apesar de suas condições financeiras precárias, o protagonista parece colocar-se numa posição de superioridade, menosprezando todos aqueles que ele julga inferiores.

Algo semelhante ocorre quando se observa a questão racial e o modo como ela se expressa pela fala do narrador. Ao expor seus julgamentos sobre negros e mulatos, Eulálio não apenas mostra valores arcaicos e retrógrados em relação às pessoas em geral, como também demonstra intolerância em relação ao fato de que membros de sua família, ou até ele mesmo, venham a apresentar traços físicos próprias de africanos ou afrodescendentes, como se isso fosse algo errado ou que merecesse ser escondido. Um exemplo disso se dá quando ele faz referência a uma discussão que teve com a mãe: “Olhou-me bem de perto e disse que, entre os Montenegro de Minas Gerais, ninguém tinha beijos grossos como os meus. A comida, cuspi no prato, mas fiquei com a ofensa engasgada esses anos todos. E agora lhe perguntei em passant, ao sair da biblioteca, porque ela nunca me contara que tio Badeco Montenegro tinha cabelo pixaim.” Outra evidência disso se mostra quando Eulálio expressa sua ofensa ao ouvir o bisneto ser chamado de negão por uma mulher com quem este mantém relações sexuais: “[...] não sou homem que se melindre à toa. Mas assim que cruzei com ela, me vi compelido a lhe dizer, o negão aí é descendente de dom Eulálio Penalva d’Assumpção, conselheiro do marquês de Pombal.”

A leitura dessas passagens indica que o romance capta em sua estrutura uma questão muito presente na sociedade brasileira desde que o país era ainda uma colônia: trata-se não apenas do preconceito racial, mas da não aceitação de que o Brasil é um país mestiço e que, justamente por essa razão, grande parte de sua população apresenta traços corporais característicos de negros.

Chico Buarque, quando indagado sobre seu ponto de vista sobre a questão racial no Brasil declara que para o brasileiro esse é um tema muito mal resolvido, uma vez que neste país não se aceita o fato de que parte maciça da população é mestiça. Para o escritor essa postura denota não somente uma grande ignorância, mas também uma enorme hipocrisia, visto que a miscigenação da população brasileira é evidente. Ele destaca também que há, ainda que bastante pequena, uma aceitação quanto ao indígena, ou seja, as pessoas aceitam que houve em suas famílias algo membro de origem indígena, desde que em um passado muito remoto. Contudo, a intolerância em relação ao negro, ligado à figura do escravo, é absoluta (BUARQUE, 2006).

Este posicionamento do autor, associada ao modo como essa questão é configurada em *Leite derramado* permite uma aproximação com Julinho da Adelaide, personagem não literário concebido por Chico Buarque nos anos de 1970, durante a vigência do Regime Militar.

Como forma de driblar a censura, que continuamente vetava suas músicas, Chico Buarque assinou algumas de suas canções sob o pseudônimo de Julinho da Adelaide. De início era apenas uma estratégia (bem sucedida, diga-se de passagem, já que as canções assinadas por esse “artista desconhecido” – *Jorge Maravilha, Acorda amor e Milagre brasileiro*, as duas primeiras de 1974 e a segunda de 1975 – foram facilmente aprovadas pelos censores do Regime Militar) para conseguir que algumas de suas músicas passassem pela censura. No entanto a brincadeira ganhou força e Julinho da Adelaide acabou por transformar-se de um simples pseudônimo em heterônimo, à feição de Fernando Pessoa, com direito a mãe, irmão e histórico de vida, chegando até mesmo a conceder entrevista ao jornalista Mário Prata, publicada no jornal *Última Hora*, no mês de julho do ano de 1974<sup>1</sup>. É nessa entrevista, investida de um forte tom pândego, confirmado inclusive pelo depoimento de Mário Prata, que se mostram declarações interessantes para ilustrar o tema em questão.

Ao longo da entrevista, Julinho da Adelaide deixa clara a sua submissão em relação ao irmão Leonel, que ele descreve como sendo seu procurador. A obediência irrestrita ao irmão por parte de Julinho transparece em passagens como “Eu só leio o que o Leonel manda.” ou “Pra falar a verdade, o Leonel que mandou eu dizer que eu sou pragmático.” Esse comportamento de Julinho parece se justificar por razões relacionadas à cor e à origem familiar de ambos, já que Julinho e Leonel eram filhos da mesma mãe, mas de pais diferentes, e enquanto aquele é mulato, este, segundo as palavras de Julinho “é loiro e é luterano”. De forma condizente com o caráter e irônico e jocoso de que está impregnada a entrevista, as próprias declarações de Julinho evidenciam que essas diferenças entre os irmãos não se sustentam efetivamente e são resultantes da mentalidade hipócrita característica de uma sociedade que ainda guarda o preconceito relacionado à cor e vê traços de superioridade em qualquer indivíduo que apresente atributos que possam sugerir uma origem estrangeira distinta da africana, ainda que parcialmente. Essa passagem comprova isso: “O Leonel é luterano por causa disso. [...] Ele agora alisou o cabelo e está dizendo que é parecido com este tal de Robert Redford. Mas ele não é muito parecido, não. O nariz dele é igual da minha mãe, grossão. Ele é loiro sarará, sabe?”

---

<sup>1</sup> PRATA, Mário. O samba duplex e pragmático de Julinho da Adelaide. Disponível em: <[http://www.chicobuarque.com.br/text/entrevistas/entre\\_07\\_09\\_74.htm](http://www.chicobuarque.com.br/text/entrevistas/entre_07_09_74.htm)>. Acesso em: 02 mai. 2010. Esta brincadeira consistiu em entrevista em que o próprio Chico Buarque se revestiu na figura do personagem por ele criado e respondeu às perguntas a ele dirigidas pelo jornalista Mário Prata.

A fala de Chico Buarque bem como as declarações atribuídas a Julinho da Adelaide são um forte indicativo de que *Leite derramado*, ao abordar o tema do preconceito de cor, capta em sua estrutura uma questão fundamental da sociedade brasileira.

Diante disso, pretende-se investigar, em primeiro lugar, que circunstâncias propiciam os valores e ideologias manifestados em *Leite derramado* e posteriormente analisar as causas que possibilitaram a manutenção desse sistema de ideias que o romance revela, em pleno século XXI. Nesse sentido, o paralelo aqui estabelecido entre *Dom Casmurro* e *Leite derramado* é de grande valia, uma vez que o romance de Chico Buarque, apesar de estar inscrito na sociedade contemporânea reitera processos já expostos na obra de Machado de Assis, publicada em 1899. O que se pretende afirmar é que embora os valores que se evidenciam em *Leite derramado* sejam excessivamente arcaicos e retrógrados, eles permanecem em uma sociedade que apresenta traços de modernização, percebida no romance não somente pelo aspecto cronológico, ou seja, a partir dos eventos relatados pelo narrador, mas também por elementos que revelam essa modernização, tais como celulares e cartões de crédito.

Frente a esse problema colocam-se duas questões principais: “Que espécie de modernização é essa que se constitui de maneira a preservar uma configuração social de tal modo anacrônica?” e “O que faz com que tais valores sejam tão socialmente entranhados de modo a se manifestarem de forma veemente como o são no romance?”

Considerado que este estudo busca estabelecer um paralelo em *Dom Casmurro* e *Leite derramado*, deve-se observar que muitas das questões que se manifestam no romance de Chico Buarque já estavam presentes na obra de Machado, lançada cento e vinte anos antes. Levando em conta que *Dom Casmurro* estava inscrito em uma sociedade ainda em formação – foi publicado apenas setenta e cinco anos depois de ser proclamada a independência do Brasil – pode-se afirmar que a obra configura valores que se estabeleceram nessa sociedade momento de sua constituição e que justamente por essa razão moldaram sua mentalidade e seus modos de funcionamento.

Segundo Roberto Schwarz, em seu estudo “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*”, não se podem entender as relações de dominação e autoridade paternal expressas em *Dom Casmurro* sem observar o modo como se constituem na sociedade brasileira as relações de produção, já que havia no país uma contradição imensa que consistia na aspiração ao progresso e à civilização associada àquilo que era considerado uma anomalia, ou seja, a escravidão. Assim, o crítico faz o seguinte questionamento: “[...] como ser moderno e civilizado dentro das condições geradas pelo escravismo?” (SCHWARZ, 1997, p. 19)

Esses apontamentos de Roberto Schwarz em relação a *Dom Casmurro* parecem elucidar muitas das problemáticas apontadas em *Leite derramado*, uma vez que este romance configura uma sociedade que, embora esteja inscrita na modernidade, apresenta um sistema de ideias imensamente retrógrado. O que se pretende afirmar é que a obra de Chico Buarque ao figurar uma sociedade em que a contradição entre moderno e arcaico é evidente, acaba retomando uma questão que está no cerne da constituição da sociedade brasileira, que é a associação disparatada entre liberalismo e escravidão.

Sob esse enfoque torna-se mais compreensível o porquê de ser tão presente na obra a questão do preconceito de cor. Já que o romance retrata uma modernização retrógrada, a não aceitação do negro, associada ao instituto da escravidão, parece estar relacionada justamente ao papel desempenhado por esse instituto no momento em que a sociedade brasileira se constitui, ou seja, a representação do atraso. Assim, negação hipócrita da presença do negro

tal como se manifesta em *Leite derramado*, parece simbolizar não somente um pensamento anacrônico, mas também um anseio de ocultar um sistema que não se inseria na modernidade.

### Referências

- BOOTH, Wayne. *The rhetoric of fiction*. Chicago & London: University of Chicago Press, 1983.
- BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- CHICO BUARQUE: Saltimbancos. Direção: Roberto de Oliveira. Produção: Vinícius França. Rio de Janeiro: RWR Comunicações LTDA, 2006.
- HAMON, Philippe. Por um estatuto semiológico da personagem. In: *Masculino, feminino, neutro: ensaios de semiótica narrativa*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- SCHWARZ, Roberto. Brincalhão, mas não ingênuo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 mar. 2009. Ilustrada, p. 6.
- SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de *Dom Casmurro*. In: \_\_\_\_\_. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Resenha sem título. In: BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- PRATA, Mário. O samba duplex e pragmático de Julinho da Adelaide. Disponível em: <[http://www.chicobuarque.com.br/text/entrevistas/entre\\_07\\_09\\_74.htm](http://www.chicobuarque.com.br/text/entrevistas/entre_07_09_74.htm)>. Acesso em: 02 mai. 2010.